

AL-IKHAWN AL-MUSLIMEEN: A IRMANDADE MUÇULMANA

Capitão de Corveta Youssef H. Aboul-Enein, Marinha dos EUA

SEM EXAMINAR de perto a *Al-Ikhwān Al-Muslimeen* (A Irmandade Muçulmana), fundada em 1928 no Egito, é impossível tentar entender o radicalismo moderno islâmico. Al-Ikhawn foi a primeira a politizar o islamismo dentro do contexto da idade colonial e a primeira a pôr em prática as teorias dos pensadores *Salafist*, como Jamal-al-Din al-Afghani e Muhammad Abduh. Esses dois militantes muçulmanos, que escreveram e pregaram durante o começo do século XX, sustentavam que o Islã e a modernidade são compatíveis e que os muçulmanos perderam o controle do seu destino porque se deixaram levar pelo fatalismo, abandonando a busca do entendimento. Segundo Al-Afghani e Abduh, o distanciamento da verdadeira fé fez com as terras muçulmanas ficassem vulneráveis ao colonialismo ocidental.

Da Irmandade Muçulmana surgiu Sayed Qutb, o qual escreveu o folheto *Ma'alim* (placa indicativa) e muitos outros membros dos mais militantes Grupo Islâmico (*Gamma al Islamiya*), Al-Jihad e Al-Takfir wal Hijra (excomunhão e migração). A maioria dos líderes dessas organizações militantes e seus membros foram, em um dado momento, afiliados à Irmandade. Sua história é entrelaçada com os eventos que cercaram a fundação do Egito como República em 1952.

Entre os membros da *Al-Ikhwān* incluíam-se o falecido Mohammed Atef, comandante militar de Osama bin Laden, e Ayman al-Zawahiri, o ideólogo político do Al-Qaeda. A pergunta, para os que estudam o terrorismo islâmico, é: "Até que ponto a Irmandade Muçulmana influenciou o homem-bomba Muhammad Atta e o clérigo cego Shiekh Omar Abd-al-Rahman?"

Entendendo o Egito de Hassan-Al-Banna

Nascido em 1906 na cidade de Mahmudiya, no delta, Hassan-Al-Banna viu um Egito totalmente dominado pela Inglaterra. Em 1919 ele se encontrava participando em protestos nacionalistas. Ele e sua família testemunharam o pedido do líder nacionalista Saad Zaghloul para que os ingleses se retirassem do Egito e lhe outorgassem a independência total. Os altos comissários britânicos no Cairo, incluindo o distinto Lord Horatio Kitchener, haviam governado o país desde 1882. Embora tenha obtido a independência em 1922, o Egito reteve, *de facto*, um alto comissário britânico, que continuou a ditar política ao Rei Fouad e a seu filho o Rei Farouk. A Inglaterra continuou a tratar os egípcios com desprezo, chamando-os de *gyppos* e jóqueis de camelo, palavras que tiveram origem entre as tropas britânicas e australianas desdobradas no Egito. Tipicamente os egípcios se acostumaram a ouvir histórias sobre a dominação inglesa, algumas reais, outras exageradas. Uma dessas histórias é sobre um caçador inglês numa fazenda de propriedade de um egípcio que criava aves. O fazendeiro, ao ver as suas aves, criadas para alimentação, sendo mortas, tentou persuadir o caçador a parar. O caçador, ao se recusar, foi atingido pelo fazendeiro, que o matou. Em retaliação, as tropas britânicas destruíram a vila, causando muitas mortes e feridos. Hoje em dia, essa cidade é chamada de Damanhour (Sangue Derramando) em sua homenagem.

Al-Banna recebeu uma educação primária islâmica e aprendeu a profissão de seu pai que era relojoeiro. Formado pela Universidade de Al-Azhar, seu pai foi um

líder islâmico. Aos 12 anos, Al-Banna foi matriculado em uma escola primária, onde começou sua associação com os grupos islâmicos. Mais tarde passou a ser membro da Sociedade da Moralidade Islâmica, cujos membros deveriam aderir aos estritos códigos muçulmanos de comportamento, que impunham multas àqueles que blasfemavam, bebiam ou fumavam. Esse evangelismo se expandiu para incluir afiliação à Sociedade para a Prevenção do Proibido. Aos 16 anos Al-Banna entrou para a faculdade Dar-al-Ulum, no Cairo, para treinamento de professores islâmicos, onde concentrou seus estudos em teologia (*Tawheed*), jurisprudência (*Fiqh*), literatura árabe e ideologia islâmica moderna ou teosofia (*Kalam*). A Ordem *Hasafiya* de Sufismo também atraiu Al-Banna, devido a sua estrita observância das escrituras, rituais e cerimônias. Ao unir-se a essa ordem ele encontrou um sentido de causa e importância, chegando a ser seu secretário encarregando-se da beneficência social. Entretanto, suas atividades eram limitadas a defender os padrões islâmicos e impô-los aos outros.

Durante os cinco anos que morou no Cairo, Al-Banna considerou a cultura secular egípcia como imoral, decadente e ateísta. Ficou também alarmado com as reformas de Kemal Attaturk, o qual aboliu o califado. Al-Banna considerava que as universidades seculares egípcias, estabelecidas em 1925, seriam o primeiro passo para o abandono do islamismo ao estilo turco.¹

Al-Banna, encontrando homens com o mesmo pensamento em seu colégio e em outras universidades, aderiu às crenças do Xeque Al-Dwijiri, o qual argumentava que o clero de Al-Azhar não era capaz de deter a influência Ocidental. A idéia não era nova; refletia os escritos de Muhammad Abduh, o qual dizia que os seguidores de Al-Azhar eram agentes corruptos do governo e que qualquer clérigo que auxiliasse a manter o governo colonial deveria ser considerado

ilegítimo. No entanto, quem mais influenciou a sua vida foi o Xeque Muhibb al-Din Khatib, um reformador sírio encarregado da biblioteca Salafiya e que auxiliou a fundar a Associação Muçulmana de Homens Jovens. Al-Banna aprendeu com Khatib os fundamentos para organizar as massas e mobilizar os jovens descontentes.² Graduou-se em 1927 pela Dar-al-Ulum e subseqüentemente passou a ensinar na cidade portuária de Ismailiah.

Al-Banna e a Irmandade Muçulmana

Em Ismailiah, uma cidade no Canal de Suez, Al-Banna começou a sentir os efeitos de suas próprias influências ao ver a exploração dos trabalhadores egípcios pelos estrangeiros encarregados da Companhia Canal de Suez. Em resposta a esses abusos, Al-Banna e seus colegas fundaram a *Al-Ikhwān al-Muslimeen*. Ele declarou que a pobreza, a falta de poder e de dignidade eram resulta-

dos da não adesão ao Islã e da adoção dos valores e da cultura ocidental. A expressão "*Islam hooah al-hal*" (Islã é a solução para todas as desgraças dos egípcios e da humanidade), ainda hoje empregada, representa a frustração com o socialismo, o capitalismo e a democracia manipulada para favorecer o partido governante.

Os primeiros 10 anos das atividades da *Al-Ikhwān* concentraram-se em recrutar e estabelecer sedes em todo o Egito. Al-Banna exigiu uma constituição fundamentada no Corão e no Suna, bem como nos precedentes estabelecidos pelos primeiros quatro califas. Ele queria a anulação da lei secular e a introdução da lei islâmica no Egito. Outro aspecto da mensagem de Al-Banna era a proibição dos vícios, como os jogos de azar, da prostituição, da usura, dos monopólios, de livros, de canções, e das idéias que não estavam de acordo com a lei islâmica. Embora Al-Banna pregasse o

AL-IKHWĀN FOI A PRIMEIRA A POLITIZAR O ISLAMISMO DENTRO DO CONTEXTO DA IDADE COLONIAL E A PRIMEIRA A PÔR EM PRÁTICA AS TEORIAS DOS PENSADORES SALAFIST, COMO JAMĀL-AL-DIN AL-AFGHANI E MUHAMMAD ABDUH. ESSES DOIS MILITANTES MUÇULMANOS, QUE ESCREVERAM E PREGARAM DURANTE O COMEÇO DO SÉCULO XX, SUSTENTAVAM QUE O ISLĀ E A MODERNIDADE SÃO COMPATÍVEIS E QUE OS MUÇULMANOS PERDERAM O CONTROLE DO SEU DESTINO PORQUE SE DEIXARAM LEVAR PELO FATALISMO, ABANDONANDO A BUSCA DO ENTENDIMENTO.

pan-islamismo, não se opunha ao pan-arabismo e ao nacionalismo egípcio. No seu panfleto *Diary of Dawa e Dai'iah*, Al-Banna delineia claramente os primeiros anos da organização, dizendo "Eu prefiro reunir homens a recolher informações de livros".³ Enfatizou a formação da organização *Ikhwana* e estabeleceu regulamentos internos para que seus ensinamentos continuassem muito além de sua própria existência.⁴

Al-Ikhwan sob os reis Fouad e Farouk

Em 1936, Al-Banna enviou uma carta ao Rei Farouk e ao Primeiro Ministro Nahas Pasha incentivando-os a promover uma ordem islâmica. Naquele mesmo ano o Egito assinou o Tratado Anglo-Egípcio, obtendo mais controle e autonomia para os governos locais. Em 1938, Al-Banna pediu ao Rei Farouk que dissolvesse os partidos políticos do Egito por causa da corrupção existente e da divisão que os mesmos causavam ao país.⁵ As táticas da Irmandade começaram a mudar, trabalhando dentro do sistema para advogar uma luta revolucionária armada que possibilitasse a mudança.⁶ Atualmente, o debate, sobre se os islâmicos devem trabalhar com o sistema ou propagar a violência, continua entre os membros da *Ikhwan*, debate esse que levou à formação de facções separatistas como o *Gamaa al-Islamiya* e o *Tanzeem al-Jihad*.

Já em 1940, campos para treinamento de guerrilha começaram a surgir nas Colinas de Mukatam, próximas do Cairo, bem como em outras áreas ao sul do Egito. Membros do corpo de oficiais egípcio (alguns afiliados ao Movimento de Oficiais Livres, apoiado por Nasser) forneciam o treinamento. A facção dos militantes da Irmandade estava tão organizada que durante a guerra Árabe-Israelense de 1948, houve um aumento nos tipos de armas em seu arsenal. Naquele mesmo ano, milhares de membros da *Ikhwan* lutaram no conflito mencionado, elevando o status da organização e a sua capacidade de recrutar novos integrantes além de consolidar seu relacionamento com o Exército egípcio.

No início a Irmandade incluía grupos políticos, educacionais e sociais. Durante a II GM a organização acrescentou um grupo militante e estabeleceu um *Ikhwan Judiciário* que emitia éditos religiosos contra aqueles considerados traidores da fé e do país. Uma vez que o grupo judiciário condenava uma pessoa, o grupo militante da Irmandade impunha e executava o castigo. As atividades da Irmandade também incluíram o bombardeio, em 1948, do *Centro Comercial Circurrel* e o assassinato de oficiais de segurança interna, do Juiz Ahmed Al-Khizindaar e do Primeiro Ministro Noqrashi Pasha. Em retaliação, o grupo de segurança interna do Rei Farouk assassinou Al-Banna em 1949. Porém, a

Irmandade sobreviveu apesar das dificuldades e, desde então, está misturada com a política interna do Egito.

Ikhwan sob Nasser

Anwar Sadat teve um papel de suma importância ao unir a Irmandade com os membros da Associação de Oficiais Livres. Já em 1946, observou que ambos os grupos tinham o objetivo comum de derrubar a monarquia, culpada pelo fracasso militar da Palestina, e que o recrutamento de oficiais e a infiltração de tropas eram redundantes e, com frequência, motivo de discórdia.

Quando finalmente conheceu Al-Banna em 1948, Nasser o convenceu que a obtenção de uma ampla base de apoio entre os militares, empregando a organização de Oficiais Livres, e que unindo os oficiais seculares e muçulmanos sob o estandarte de auto-governo egípcio seria mais construtivo e conduziria a uma revolução mais rápida do que apenas uma revolução islâmica. Uma vez libertado, o Egito poderia determinar o melhor forma de governar seu país.⁷

Nasser foi bem-sucedido ao derrubar a monarquia em julho de 1952 e, com a ajuda da Irmandade Muçulmana, esperava alterar o rumo em direção a um governo islâmico. Porém, a Irmandade recusou quando Nasser somente lhe ofereceu um cargo ministerial no departamento de *Awqaf* (doações religiosas) e uma nomeação para o cargo de *Mufti* (no islamismo — chefe religioso que resolve, em última instância, controvérsias civis ou religiosas) no Egito. Posteriormente houve uma deterioração no relacionamento entre Nasser e a organização *Ikhwan*. A decisão de Nasser, para deixar de lado a Irmandade, teve muito a ver com a Igreja Copta Ortodoxa do Egito e com os membros seculares muçulmanos da Organização de Oficiais Livres, que não compartilhavam a visão de Al-Banna sobre um Egito Islâmico.⁸ Surpreendentemente talvez, a *Ikhwan* entrou em comunicação direta com a embaixada britânica num esforço para encontrar pontos afins no processo de desestabilização do regime de Nasser, que era considerado hostil pela França e Inglaterra.

Durante o regime de Nasser, muitos membros da Irmandade foram forçados a esconder-se e milhares foram presos. Os documentos da *Ikhwan* demonstram que o grau de perseguição sob o governo Nasser foi maior do que o sofrido sob a monarquia. Qutb, influenciado por Al-Banna, escreveu o panfleto *Ma'alim* durante o governo de Nasser e formulou suas idéias para os militantes islâmicos desde a sua cela no Egito. Outro efeito secundário da perseguição da *Ikhwan* envolveu a dispersão dos membros nos países árabes vizinhos, como a Arábia Saudita. Foi durante este período que a tendência mais estrita do Islã, denominada *Wahabi*, foi introduzida na ideologia da *Ikhwan*.

O mencionado panfleto sustenta que os líderes não devem ser aceitos meramente porque são muçulmanos. Devem ser selecionados pelo *Ummah*, e o escolhido deve ser justo, livre de corrupção e não ser um opressor. Qutb considerava que a experimentação de Nasser com o socialismo conduziria à nação à heresia. Qutb foi enforcado na Prisão Tura em 1966.⁹

Tal como Al-Banna, a mensagem de Qutb deixou um legado importante para os grupos militantes. Muhammad Faraj, outro membro que se separou da organização para converter-se em um dos ideólogos fundadores da *Gamaa al-Islamiyah* foi, da mesma forma que Qutb, influenciado pela repressão e pela corrupção. Em 1982 Faraj publicou *Al-Farida al Ghaiba* (A Obrigação Ausente), referindo-se à *Jihad*. Faraj escreveu que o abandono da Guerra Santa levou os muçulmanos à sua condição atual. Caracterizou o governo de Hosni Mubarak como um regime neo-colonialista, que tinha rejeitado como fúteis os esforços da *Ikhwan* para trabalhar com o regime.

As relações entre a *Ikhwan* e os regimes do Egito têm sido instáveis, oscilando desde o sistema opressivo de Nasser até o liberalismo de Sadat antes de sua visita ao Camp David, da repressão subsequente e finalmente a um estado de supressão total sob o regime de Mubarak. A *Ikhwan* foi também influenciada pelos árabes afegãos, que passaram a ser a voz política militante do Islã no Egito. O *Gamaa al-Islamiyah* (o Grupo islâmico), estabelecido em 1979, e a *Al-Jihad* perseguem de maneira mais flexível a agenda política militante da organização. Dizer que os três estão firmemente ligados seria um exagero; eles operam individualmente e colaboram de vez em quando, sempre que a oportunidade política o justifique.

As Ideologias da *Ikhawan*

A *Ikhwan* que infiltrou, com êxito, certos elementos da polícia e do Exército egípcio, foi também bem-sucedida no controle dos sindicatos de advogados,

farmacêuticos, engenheiros e de médicos no Egito. A organização também recruta especialistas técnicos das universidades, o que tem sido facilitado pela completa repressão, por Mubarak, de qualquer expressão política nas universidades. Nas décadas de 1950 e 1960 existiam vários sindicatos de estudantes, que desapareceram sob o regime de Mubarak. Os estudantes recorreram à Irmandade para poder expressar suas oposições às políticas do governo e à economia.¹⁰ Na obra *The Messages of Iman-ul-Shaheed Hassan Al-Banna*, Al-Banna caracteriza a *Ikhwan* ao destacar os seguintes princípios que unem as organizações que foram

formadas de acordo com a versão egípcia original:¹¹

- Seguindo o Salaf, uma rejeição completa a qualquer ação ou princípio que contradiga o Suna e o Corão.

- Esforçando-se para implementar o Suna em cada aspecto da vida pública. O sistema judicial do Egito foi utilizado, com êxito, para processar os intelectuais e escritores considerado ateus. O caso mais famoso foi o de Abu Ziad, um erudito islâmico, que foi declarado

um apóstata pela Corte de Cassações. Foi obrigado a divorciar-se de sua esposa e a fugir para a Holanda. O clima criado pela *Ikhwan* pode ter sido o responsável por outra tragédia, o assassinato, a facadas, do egípcio Naguib Mahfouz, vencedor do prêmio Nobel.

- Aumentando a religiosidade ao concentrar-se na pureza dos corações.

- Trabalhando para a transformação islâmica do governo e apoiando esta meta além das fronteiras do Egito, dentro do mundo islâmico.

- Formando clubes esportivos e incentivando seus membros a uma vida fisicamente saudável.

- Aumentando o conhecimento do Islã e do *Shariah* entre os egípcios e outros.

- Estabelecendo uma infra-estrutura econômica sólida através de contribuições de seus membros para patrocinar as escolas islâmicas, sistemas de saúde e outros projetos.

DURANTE O REGIME DE NASSER, MUITOS MEMBROS DA IRMANDADE FORAM FORÇADOS A ESCONDER-SE E MILHARES FORAM PRESOS. OS DOCUMENTOS DA IKHWAN DEMONSTRAM QUE O GRAU DE PERSEGUIÇÃO SOB O GOVERNO NASSER FOI MAIOR DO QUE O SOFRIDO SOB A MONARQUIA. QUTB, INFLUENCIADO POR AL-BANNA, ESCREVEU O PANFLETO MA'ALIM DURANTE O GOVERNO DE NASSER E FORMULOU SUAS IDÉIAS PARA OS MILITANTES ISLÂMICOS DESDE A SUA CELA NO EGITO.

- Promovendo vínculos com outros membros da *Ikhwan* dentro e fora do mundo islâmico.¹²

Estes princípios chegaram a fazer parte dos diálogos de líderes modernos como Omar al-Telmessany, encarregado da organização durante o governo de Sadat, assim como também no jornal *Al-Dawa* (O Chamado).

Objetivos

A obra *Introduction to the Dawah of the Ikhwan al-Muslimoon* esboça os objetivos principais da organização. Começa com o ser individual e termina com um mundo islâmico feito a sua imagem:

- Desenvolvendo o muçulmano individual. Formando uma pessoa organizada, forte em corpo e espírito, capaz de ganhar a vida, correto em sua devoção e possuidor de um caráter empreendedor.

- Formando a família muçulmana. Escolhendo uma esposa apropriada, educando os filhos de acordo com a crença islâmica e construindo uma rede comunitária de grupos de apoio à família.

- Formando uma sociedade muçulmana. Criando uma sociedade começando com os indivíduos e as famílias e lidando com os problemas da sociedade de forma honesta, realista e empregando o debate aberto.

- Formando um Estado muçulmano. A *Ikhwan* publicamente sustenta que preparar uma sociedade para um governo islâmico deveria ser o primeiro passo para a sua transformação islâmica. Isto significa difundir os ideais, a cultura e a política islâmica através dos meios da imprensa, da mesquita e de trabalhos de caridade assim como ingressando em organizações públicas como os sindicatos e grupos estudantis. Este dogma pode ser encontrado na obra de Ahmed Ar-Rasheed, *The Path* (A Senda).¹³

- Construindo o Califado. Isto implica em edificar um mundo islâmico unido.

- Conhecendo profundamente o mundo do Islã. Os

muçulmanos devem controlar seus próprios destinos, dentro da *Dar-ul-Islam* (A Residência do Islã).

Métodos de Educação (*Tarbiah*)

Uma vez que uma pessoa se converte em membro da *Ikhwan*, passa a participar em unidades de estudo semanais conhecidas como *Halaqas*. Existem, além disso, os *Katibah* mensais nos quais várias *Halaqas*, provenientes de vários territórios e povoados, se reúnem para discutir assuntos políticos e religiosos. Existem ainda viagens, acampamentos, cursos de estudo, seminários islâmicos de trabalho e conferências patrocinadas pela *Ikhwan* através do Egito e do mundo islâmico. Cada membro recebe um plano pessoal com metas estabelecidas

que devem ser completadas e que exigem o endosso de líderes importantes. Esta descrição pode ser achada na obra de Ali Abd-al-Haleem, *Means of Education of the Ikhwan al-Muslimoon*.¹⁴

Com o mostra um cuidadoso estudo, a *Ikhwan* elaborou metas que ressoam entre as classes baixas e médias das sociedades. Além disso, o sistema educativo está organizado com o

duplo propósito de mobilização e controle das massas, similar a uma unidade militar.

No âmbito do contra terrorismo pode-se ganhar muito através de uma análise cuidadosa da *Ikhwan*. Estudando os dez princípios de Al-Banna, o número três estabelece: "Assume, em primeiro lugar, que estás errado, não teu irmão muçulmano e vê como encontras a verdade imparcialmente".¹⁵ O décimo princípio estabelece: "ter simpatia por aqueles que não vêm a luz, em vez de ficar irado e expor suas deficiências; eu nunca ataquei meus acusadores ou caluniadores pessoalmente, mas sim procurei a ajuda de Deus para que Sua mensagem fosse mais clara para aqueles que estão escutando".¹⁶ Tais frases contradizem as ações de Al-Banna durante a violenta fase que começou na década de 1940.

AS RELAÇÕES ENTRE A IKHWAN E OS REGIMES DO EGITO TÊM SIDO INSTÁVEIS, OSCILANDO DESDE O SISTEMA OPRESSIVO DE NASSER ATÉ O LIBERALISMO DE SADAT ANTES DE SUA VISITA AO CAMP DAVID, DA REPRESSÃO SUBSEQÜENTE E FINALMENTE A UM ESTADO DE SUPRESSÃO TOTAL SOB O REGIME DE MUBARAK. A IKHWAN FOI TAMBÉM INFLUENCIADA PELOS ÁRABES ALEGÓRIOS, QUE PASSARAM A SER A VOZ POLÍTICA MILITANTE DO ISLÃ NO EGITO. O GAMMA AL-ISLAMIYAH (O GRUPO ISLÂMICO), ESTABELECIDO EM 1979, E A AL-JIHAD PERSEGUEM DE MANEIRA MAIS FLEXÍVEL A AGENDA POLÍTICA MILITANTE DA ORGANIZAÇÃO.

Armado desta informação pode-se começar a isolar, ou a não reconhecer, a legitimidade dos grupos desejosos de trabalhar respeitando a convocação pacífica de Al-Banna e aqueles que querem recorrer à violência.

Infelizmente, o tema atual da organização foi radicalizado pelo contato da *Ikhwan* egípcia com os radicais da Arábia Saudita e é expresso nas últimas duas das cinco frases principais do juramento da organização:

- Alá é nosso objetivo.
- O mensageiro é nosso líder.
- O Corão é nossa lei.
- Morrer da maneira que Deus deseja é nossa maior esperança.

- *Jihad* é nosso caminho.¹⁷

Essas frases nunca fizeram parte da mensagem de Al-Banna. O desafio do contra terrorismo está em fomentar a mensagem original de trabalho para uma mudança pacífica e em incentivar e reconhecer o serviço proporcionado aos egípcios mais pobres. Integrar os elementos que trabalham com o governo e seu sistema político deveria ser parte de uma estratégia agressiva contra terrorista. Existe uma perseguição generalizada de todos os islâmicos por parte das autoridades egípcias, sem na realidade distinguir entre os militantes violentos e os fundamentalistas. A exploração das diferenças ideológicas entre aqueles que desejam expressar-se politicamente empregando métodos violentos e aqueles que preferem empregar meios pacíficos pode ser utilizada para sabotar os militantes realmente perigosos.

A democracia egípcia está se desgastando. Mesmo com Mubarak tentando reprimir o desafio da Irmandade Muçulmana, a *Ikhwan* continua dominando os sindicatos

dos advogados, médicos, farmacêuticos, engenheiros e jornalistas conhecidos como *niqabat*. O governo interveio para mudar os regulamentos, permitindo que os islâmicos sejam legalmente eleitos para posições de autoridade. A Lei 93, do ano de 1995, que permitia às autoridades egípcias prender qualquer um que publicasse notícias falsas, foi promulgada e logo revogada. O sindicato de jornalistas ameaçou fechar, forçando Mubarak ceder à pressão pública. Em 1995, o regime de Mubarak manipulou as eleições gerais para obter assentos na assembléia ao mudar as leis eleitorais, o que resultou em prisões em massa na véspera das eleições. Isso prejudicou os fundamentalistas muçulmanos que queriam trabalhar de acordo com o sistema, dando mais força aos seguidores de *Jihad*, que clamavam por um golpe violento.¹⁸

A Irmandade Muçulmana, inadvertidamente através de discórdias internas, engendrou vários grupos militantes. Começou a dividir-se já em 1939, com a criação do *Youth of Our Lord Muhammad Group* (Grupo da Juventude de Maomé), que denunciou Al-Banna por seus compromissos com a monarquia do Egito. Em 1973, os estudantes que simpatizavam com a Irmandade criaram o *Gamaa al-Islamiyah*, que ganhou popularidade nas universidades, mas foi suprimido pelo governo de Anwar Sadat.¹⁹ Hoje em dia, as atividades militantes e sociais deste grupo buscam produzir um governo islâmico no Egito. Ao proporcionar orientação através de filosofias e técnicas, a Irmandade tem sido uma fonte inspiradora para outros militantes islâmicos no mundo árabe e muçulmano, sendo compensador observar de perto essa organização. Sua história está repleta de tumultos e violência. **MR**

Referências

1. O material árabe mencionado neste artigo é produto das traduções e entendimento dos mesmos pelo Capitão de Corveta Aboul-Enein; David Commins, "Hassan Al-Banna (1906-1949)," em *Pioneers of Islamic Revival*, editor, Ali Rahnama (Londres: Zed Books, 1994), pp.131-33.
2. *Ibid.*
3. Homepage do Movimento da Irmandade Muçulmana www.ummah.org.uk/ikhwan, acessado em 14 de abril de 2001.
4. A homepage do Movimento da Irmandade Muçulmana parece ter sido criada no Reino Unido e a pessoa encarregada de manter a página não é um membro da *Ikhwan*, não aprova, nem está de acordo com tudo o que nela é publicado. O site foi criado para satisfazer propósitos educacionais e não tem nenhum vínculo com outra organização. Não obstante é um resumo excelente dos objetivos, temas e história da Irmandade. Não aparecem nenhuma data nem autores na referida homepage.
5. Commins, pp.131-33.
6. Mir Zohair Husain, *Global Islamic Politics* (Nova York: HarperCollins Publishers, 1995), pp. 53-54.
7. Abdullah Imam, *Abd-al-Nasser wa Al-Ikhwan al-Muslimoon: Al-Unf al-Deene fee Misr (Nasser and the Muslim Brotherhood: Islamic Violence in Egypt)* (Cairo: Dar-

- al-Khiyal Printers, 1997), pp. 83-90.
8. *Ibid.*, pp. 102-108.
9. *Ibid.*, pp. 92-97.
10. Saad Alfati, "Search into Education and Knowledge: The Ease of Influencing Young Minds," *Rose-El-Yossef*, 4 de abril de 2002, p. 27.
11. Homepage do Movimento da Irmandade Muçulmana.
12. *Ibid.*
13. Ahmed Ar-Rasheed, *The Path*, panfleto da Irmandade Muçulmana, sem data.
14. Ali Abd-al-Haleem, *Means of Education of the Ikhwan al-Muslimoon*, Panfleto da Irmandade Muçulmana, sem data.
15. Hassan Al-Banna, "The Messages of Iman-ul-Shaheed Hassan Al-Banna," Homepage da Irmandade Muçulmana, acessado em 14 de abril de 2001.
16. *Ibid.*
17. Homepage do Movimento da Irmandade Muçulmana.
18. Denis J. Sullivan e Sana Abed-Kotob, *Islam in Contemporary Egypt: Civil Society vs. the State* (Londres: Lynne Rienner Publishers, 1999), pp. 132-34.
19. Gilles Kepel, *Muslim Extremism in Egypt: The Prophet and the Pharaoh* (Los Angeles: University of California Press, 1985), pp. 263-68.

O Capitão de Corveta Youseef H. Aboul-Enein é oficial de Área Estrangeira, especializado no Oriente Médio, servindo atualmente no Pentágono. Trabalha há vários anos com a Military Review para oferecer aos nossos leitores artigos interessantes sobre assuntos árabes. O Capitão de Corveta Aboul-Enein deseja agradecer ao Guarda-marinha de 2ª classe Samuel Boyd, um aluno de Assuntos de Governo na Academia Naval dos EUA, pela sua ajuda ao editar e proporcionar assistência técnica a este artigo.